

Autor: Duarte, Luiz F.D. (em colaboração com Edlaine Gomes)

En: Duarte, Luiz F.D. & Gomes, Edlaine Três Famílias. Identidades e

Trajetórias Transgeracionais nas Classes Populares (em colaboração com

Edlaine Gomes). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. 313 pp.- ISBN

975-85-225-0698-9

**Texto de difusión restringida, de uso exclusivo del Seminario Permanente del CAS /
IDES. No usar sin autorización previa**

II. A pesquisa na própria sociedade (e sobre a própria família)

De te fabula narratur...

Este trabalho tem como uma de suas características o fato de que, das três famílias aqui analisadas, duas correspondem às famílias dos próprios autores. E. Gomes é membro de um ramo socialmente ascendente da rede familiar aqui analisada como a família Campos, seus parentes matrilaterais. L. Duarte também é membro de um ramo socialmente ascendente da rede que aqui porta o seu sobrenome paterno. A referência imediata à condição de membros de ‘ramos ascendentes’ não visa engrandecer os autores em relação a sua parentela de classe popular (o que, mesmo que fosse legítimo, não seria razoável num trabalho deste tipo), mas deixar desde logo claro que a condição de autoria intelectual de uma análise deste tipo dependeu de uma condição de prévio distanciamento, ambíguo e complexo – não sem implicações sobre o formato do trabalho realizado.

A possibilidade de formalizar em uma pesquisa sistemática a convivência com ramos das próprias famílias dos autores, incorporando a complexa informação vivida aí num registro pessoal, surgiu paulatinamente, no decorrer do projeto sobre ‘Família, Reprodução e Ethos Religioso’ em que, juntos, trabalhavam. A pesquisadora aportou, a partir de determinado momento, dados de sua própria família para iluminar, nas discussões, alguns dos tópicos de interesse comum, o que foi suscitando da parte de L.

Duarte uma crescente curiosidade sobre essa rede, em que se apresentavam tantos dados e dimensões esclarecedoras. A partir de um certo momento, ocorreu-lhe sugerir que a pesquisadora passasse a pesquisar explicitamente a própria família, apesar das inquietações que tal procedimento suscitava em ambos e das reservas quanto a tal iniciativa que se levantariam no campo antropológico em geral. A principal justificativa então formulada para tal procedimento era a de que, no relatório final da pesquisa, a ser transformado em um livro, se procederia a uma discussão e reflexão sistemática sobre as condições e implicações dessa decisão¹. A partir daí, começaram a se evidenciar os enormes ganhos heurísticos provenientes do trabalho de E. Gomes; o que levou L. Duarte, coordenador da pesquisa, por seu lado, a também decidir enveredar por esse rumo, adensando percepções esparsas acumuladas em sua trajetória de vida e de pesquisa e dispondo-se a ‘objetivar’, pelo menos parcialmente, sua experiência familiar pessoal. Assumir a disposição de modelizar e apresentar publicamente informações consideradas como tão próximas e íntimas e obtidas através de uma radical mas inexplicita e heterodoxa ‘observação participante’ só parecia ser permissível à vista da densidade do material assim obtido, mesmo que às custas de uma reflexão constante sobre as peculiaridades de uma pesquisa desse tipo.

São raras as experiências de pesquisa que se aproximam explicitamente de tais circunstâncias. Em alguns casos, há uma reflexão sobre a relação entre as condições sociais originárias da trajetória pessoal e determinadas propriedades do seu rumo e afirmação, embora se revele aí o quanto a experiência originária chegou a inspirar (de maneira mais ou menos inconsciente) certas ênfases analíticas ou a permitir determinados *insights* e argumentos. A teoria da ‘objetivação participante’ de Pierre Bourdieu é um exemplo magistral dessa orientação (2003). Há também muitos exemplos, explícitos ou não, de trabalhos realizados no interior da rede social do pesquisador, o que certamente

¹ Uma das dimensões importantes dessa reflexão está lucidamente contida numa observação de Kirin Narayan sobre a diferença do processo de conhecimento antropológico quando se trabalha com a própria sociedade (e tanto mais com o mesmo segmento social e com a ‘mesma família’): “In some ways, the study of one’s own society involves an inverse process from the study of an alien one. Instead of learning conceptual categories and then, through fieldwork, finding the contexts in which to apply them, those of us who study societies in which we have preexisting experience absorb analytic categories that rename and reframe what is already known. The reframing essentially involves locating vivid particulars within larger cultural patterns, sociological relations, and historical shifts.” (1993: 678).

coloca em cena o seu estatuto duplo, pessoal e profissional; mas isso não é a mesma coisa que a “objetivação participante” aplicada à rede familiar propriamente dita. Segundo Bourdieu, pesquisar “um mundo social que conheço sem conhecer, como sucede em quaisquer universos familiares”, requer uma “verdadeira conversão epistemológica” (2005: 89-93). Por um lado, estar próximo aparenta uma familiaridade, portadora quase inequívoca de um conhecimento. Na mesma medida, esse ‘conhecimento’ é tido como contaminado e impreciso para adquirir status acadêmico. Esquece-se que o antropólogo incorpora complexos instrumentos de pesquisa, observação e estranhamento ao longo de sua formação. Mesmo aquilo que seria uma “familiaridade familiar” passa por um processo de autoconsciência e de reflexividade que, de forma alguma, exclui o que foi apreendido. Não é o mesmo olhar que está em jogo quando o pesquisador se volta a pesquisar em campos tão afetivamente envolventes².

Há uma dificuldade suplementar no caso em questão, homóloga à que analisa P. Bourdieu sobre sua própria identidade e trajetória: os ramos familiares aqui examinados têm suas raízes nas classes populares. Os intelectuais brasileiros tendem a se auto-representar fundamentalmente como uma ‘elite’, mesmo nos casos em que isso só se possa entender em um sentido muito lato, ou mesmo quando isso possa implicar em posições contestatórias ou radicais³. Não é nada evidente, assim, nesse contexto cultural, vir a expor publicamente uma origem social pouco prestigiosa.

² Louis Dumont, talvez em função de sua preocupação central com os efeitos heurísticos da comparação pelos contrários, em que a sua ‘Índia’ servia como roteiro para uma relativização do seu ‘Ocidente’, manifestou-se recorrentemente sobre os riscos de uma antropologia do próprio mundo social. Isso em duas direções. A primeira, relativa aos riscos epistemológicos, entranhados na possibilidade de não obtenção de um suficiente estranhamento, pela ausência da comparação (Dumont, 1985: 219). A segunda direção, de caráter mais cosmológico e político, enfatiza os riscos que a generalização de uma relativização dos valores estruturantes de uma cultura podem acarretar para sua própria sobrevivência. Cita os efeitos desmapeadores da cultura altamente reflexiva florescente sob a República de Weimar, possivelmente favorecedores da ascensão do nazismo (como ideologia da restauração de uma ordem vista como tradicional e ameaçada) – Dumont, 1985: 220. Bruno Latour, por sua vez, coerentemente com sua ênfase na ‘simetria’ entre observador e observado na pesquisa em antropologia da ciência (e das ‘controvérsias’ em geral), manifesta-se favoravelmente à pesquisa com situações próximas. Essa proximidade se restringe, no entanto, a contextos ou cenários muito particulares, em que a comum humanidade consista numa comum reflexividade.

³ Em princípio essa posição é oposta à dos intelectuais franceses, com seu sentimento de pertencimento ao *peuple*, mesmo quando esse não é claramente o caso, do ponto de vista de suas origens e capitais originários. No entanto, os processos de *distinction* são também aí suficientemente fortes para que P. Bourdieu expresse idêntica sensibilidade à exposição de uma origem social ‘fraca’.

No processo de organização dos projetos de pesquisa sobre família com que se envolveu L. Duarte, a partir de 2002, tinha emergido a possibilidade de proceder à análise de coleções fotográficas, seguindo os estimulantes exemplos encontráveis na literatura⁴. Como teste do banco de dados encomendado para indexação desse tipo de material proveniente da pesquisa com outras famílias, resolveu utilizar parte de sua própria coleção familiar. Essa tarefa, que exigia uma atenção redobrada a cada peça do acervo – e aos seus personagens, lugares e situações – foi-lhe revelando o grande potencial de informação sociológica ali concentrado. Consultar os parentes mais velhos sobre as fotos de períodos anteriores ao da própria vida do pesquisador veio a impor a realização de verdadeiras entrevistas, com o desvendamento de outros acervos, informações e pontos de vista.

Para L. Duarte, a oportunidade de objetivar parcial e sistematicamente seu pertencimento familiar veio se agregar, assim, a um processo longo de observação e apercepção das características de seu universo social de origem, na medida mesmo em que se tinha tornado mais treinado na ‘objetivação’ de tantos outros contextos sociais ao longo de suas pesquisas. A produção desse distanciamento ou estranhamento foi tanto mais desafiadora quanto as propriedades diferenciais de sua ascendência paterna e materna não se apresentavam espontaneamente como ‘diferenças de classe’ em sua vivência e formação. Como as duas linhagens habitavam cidades diferentes, com estilos de sociabilidade muito diversos, isso se tornava tanto mais ‘naturalizado’ (embora houvesse também pelo menos uma unidade da rede familiar materna habitando o Rio de Janeiro e uma unidade paterna, num grau de parentesco mais distante, habitando Petrópolis). Ademais, o clima oficialmente cordial que passara a prevalecer entre as duas ‘famílias’ a partir da realização do casamento, assim como o fato de que a ‘estabilização’ da família paterna a fazia aproximar-se progressivamente do status de parte da família materna (tendo-se criado algumas relações de amizade regular entre membros dos dois grupos) não ensejava uma percepção de clara fronteira social entre as duas linhagens. Os freqüentes problemas de relacionamento que emergiam tendiam a serem lidos exclusivamente como resultado,

⁴ Há um conjunto de trabalhos muito ricos sobre memória familiar nas ciências sociais brasileiras que influenciou esse direcionamento: Lins de Barros, 1987; Leite, 1993; Strozemberg & Lins de Barros, 1993; Candido, 2002. Há também trabalhos mais memorialísticos, extremamente interessantes, como os de Silva Telles, 2003 e de Teixeira, 1991, em que a imagem se faz ativamente presente.

em primeiro lugar, do confronto entre os ‘temperamentos’ pessoais – sempre considerados muito díspares – dos dois cônjuges (seus pais) e, subsidiariamente, das maiores ou menores ‘simpatias’ ou ‘afinidades’ diádicas entre os numerosos elos das duas redes. O estilo de uso pessoal, pelo pesquisador, da casa da família paterna no período em que lá morou (entre 1969 e 1978) ainda ensejou, no entanto, alguns pequenos conflitos com o ramo que permanecera por ela oficialmente responsável – expressivos das diferenças de ethos ainda aí pulsantes.

Autores como Bourdieu (2005) e Lila Abu-Lughod (1986) assumiram que familiares tiveram algum tipo de participação em suas pesquisas de campo. Em duas situações, os pais de Bourdieu aparecem como fontes significativas em suas análises sobre “estratégias matrimoniais no sistema de reprodução”. Foi um comentário banal de sua mãe sobre uma família vizinha que o fez migrar do modelo de regra de parentesco para o modelo de estratégia em sua pesquisa sobre celibato (2005:92). Na mesma pesquisa sobre ‘não casáveis’, o autor comenta que, em entrevistas com ‘velhos solteiros’ da geração de seu pai, este o acompanhava e, até mesmo, o ajudava “com sua presença e discretas intervenções” (2005: 91). Abu-Lughod descreve a importância e o significado da participação de seu pai para a realização do trabalho de campo que realizou entre os beduínos. Conhecendo os objetivos de pesquisa da filha, esse logo se organizou para acompanhá-la. Após grande insistência, a autora aceitou a companhia, embora sentisse um certo constrangimento. Foi somente após viver entre os beduínos por um longo tempo, que pôde compreender a postura assumida pelo pai. Esse era árabe e conhecia as tradições locais, nas quais o lugar da mulher é bastante distinto do Ocidente:

“As an Arab, although by no means a Bedouin, he knew his own culture and society well enough to know that a young, unmarried woman traveling alone on uncertain business was an anomaly” (1986:11).

Renato Rosaldo (1989) realizou uma análise sobre a emoção a partir da morte de sua esposa, a antropóloga Michelle Rosaldo, durante a realização do trabalho de campo entre os Ilongotes. Para o autor, esta elaboração veio a significar não apenas a expressão do luto vivenciado, como poderia supor parte dos leitores, mas uma reflexão sobre o fazer antropológico. O luto e a vividez experimentados em campo possibilitaram a apreensão

da maneira como seus interlocutores expressavam seus sentimentos, assim como fizeram refletir sobre os seus próprios na relação com eles⁵.

Não chega a ser uma novidade a ativação dos contatos pessoais para a abertura de redes que possibilitem a entrada em campo. Mas a família é vivenciada como o reduto do privado, da proteção, do segredo em relação à dinâmica do mundo externo. Investigar a própria rede familiar é um desafio, pois pode colocar em risco essas características. No entanto, esta não foi a impressão inicial de E. Gomes, quando das primeiras conversas com L. Duarte sobre os direcionamentos da pesquisa “Família, Reprodução e Ethos Religioso”. Essa via foi por ela sempre considerada de extrema relevância para a compreensão do campo religioso brasileiro atual. A inserção original em uma ampla rede familiar de origem popular da Baixada Fluminense, com características expressivas das mudanças ocorridas nas últimas décadas no panorama religioso, pareceu-lhe imediatamente um caminho profícuo e digno de análise. A própria trajetória intelectual da pesquisadora, direcionada à antropologia da religião, veio a implementar a realização dessa investigação. Desafio múltiplo, por acionar mecanismos de defesa que partem dos diferentes posicionamentos localizados na própria rede e na academia, em níveis diferenciados, de acordo com a posição do próprio pesquisador nestes espaços. Em outras ocasiões, já havia acionado membros de sua rede familiar, vizinhos e amigos como informantes. A então assistente de pesquisa iniciante serviu de elo entre pesquisadores sênior e seus objetos de pesquisa, por ser quem era: originária da Baixada Fluminense e das camadas populares, por associação; ainda que integrante de um ramo ascendente de sua rede familiar. Essa região (assim como favelas e áreas suburbanas consideradas como ‘periferia’), enquanto lugar de efervescência religiosa e ao mesmo tempo distante das áreas de prestígio social e acadêmico do Rio de Janeiro, sempre obteve atenção das ciências sociais. O acesso foi facilitado pela emergência de alunos universitários

⁵ Um exemplo interessante no Brasil é o da tese de Paulo Guérios, que se volta sobre a memória de parte de sua própria família (e reflete heurísticamente sobre o modo fenomenal e as implicações desse processo), mas o faz para investir na memória coletiva de um grupo étnico específico (2007). David Schneider, em seu clássico estudo sobre o parentesco norte-americano (1968), menciona que “The final source of information is, of course, my own personal experience, since I was born and reared in America, am a native speaker of the language, and have lived in America almost all of my life. (I should add that in my own view, I am not a bad informant, although I have worked with better” (p. 13). O que quer que tenha sido usado no livro a respeito de sua própria família não é, no entanto, explicitado; nem tampouco a posição ocupada por essa origem familiar no conjunto das variações possíveis no sistema nacional.

provenientes de áreas periféricas da cidade – movimento também efervescente a partir da metade dos anos 1980 –, impulsionada particularmente pela experiência juvenil nos diversos movimentos sociais que proliferavam à época. Inicialmente, eles eram percebidos como “informantes privilegiados”, pois supostamente teriam experiências anteriores que os habilitavam a compreender e a dar mais agilidade ao campo. Estudar o próprio território ou o seu próprio grupo social era uma injunção que balizava as primeiras experiências de pesquisa de muitos dos estudantes da geração de E. Gomes – e das seguintes. O *status* conferido era o de ‘auxiliar’, importante para a realização das pesquisas acadêmicas, mas subalterno na autoria.

Uma das mais significativas experiências foi a primeira pesquisa de que participou, que investigava o processo de conversão ao pentecostalismo em programas de televisão e rádio. Buscava-se verificar a eficácia das mensagens transmitidas e o tipo de vínculo estabelecido entre ouvintes/telespectadores e suas respectivas denominações. Tratava-se de uma pesquisa exploratória e inovadora, que propiciou um contato com os primeiros fundamentos teórico-metodológicos no campo da sociologia. As conversões a esse ramo do cristianismo eram e, em grande medida, ainda são vistas como indissociáveis da condição econômica desprivilegiada da população. Pertencer à Baixada Fluminense possibilitaria, assim, um conhecimento prévio sobre suas características e um acesso mais direto a seus habitantes. Primeira pesquisa e primeira associação entre pesquisadora e seu local de origem. Nesta e em outras pesquisas posteriores, nas quais atuava como auxiliar, diversas pessoas de sua relação mais íntima foram acionadas, seja como informantes diretos ou como intermediários.

Para E. Gomes não chegou, assim, propriamente, a constituir uma novidade a pesquisa no próprio meio social que veio a redundar no presente trabalho. A diferença no empreendimento atual reside na sua condição de pesquisadora plena, tendo passado de auxiliar e informante-meio a autora. O processo reflexivo ocorreu durante toda a pesquisa, desde o primeiro aceno de L. Duarte sobre a possibilidade de pesquisar a própria família, já que, no grupo de discussão sobre o campo religioso brasileiro então formado, sempre pareciam pertinentes conexões e exemplos provenientes da experiência pessoal e familiar da pesquisadora e de outros membros da equipe. A proposta foi aceita,

mas, desde o início do projeto, ficou claro que não se trataria de uma autobiografia – partindo de ego, como na produção de uma árvore genealógica moderna – ou de um inventário e (re)construção da história da família auto-referenciada. O foco centrou-se inicialmente na receptividade ou rejeição às mudanças de religião dos integrantes da rede, e como a convivência pluri-religiosa afetava a organização e as relações cotidianas da família.

A trajetória de E. Gomes apresenta um caráter diferencial em relação à rede familiar, fundamentalmente marcado pelo investimento na instrução formal, compartilhada também por seus irmãos. O ramo a que está associada se estruturou em torno da educação dos filhos, se distinguindo sobremaneira dos outros nove que compõem a rede. O acesso, a permanência e a conclusão dos estudos eram ponto de honra, sendo percebidos como processo obrigatório e incontestável. Caçula e única filha entre cinco irmãos, recebeu atenção especial, sendo matriculada na instituição de ensino mais prestigiosa da cidade. Seus dias eram quase todos tomados com as atividades no colégio, que ficava espacialmente distante do bairro e da rede familiar. A rigidez de sua educação se confirmava na proibição de ‘circular’ pelas casas de parentes e pelo bairro sem o acompanhamento dos pais ou irmãos. O afastamento em relação à família extensa e ao bairro era a tônica. O acesso à universidade veio acentuar essa característica. De certo modo, sempre esteve distante – embora não alheada – da lógica que estrutura o universo familiar que caracteriza a rede estudada. O caráter individualizante de sua formação pautou a imersão no campo. “Olhar de fora” a própria família, por mais complexa que seja tal relação, não lhe pareceu ser dissonante ao exercício do ofício antropológico. O estranhamento (empatia ou antipatia), a aproximação e o afastamento analítico constituíram o processo mesmo da pesquisa. Como em qualquer trabalho de campo, houve estratégias de inserção e negociação entre pesquisadora e ‘nativos’. A afetação é mútua, seja qual for o sentimento envolvido⁶. Informações pessoais foram reveladas;

⁶ A mútua afetação entre pesquisador-pesquisado foi enfatizada por Orlandella (2005), que ressaltou a importância do trabalho desenvolvido por William Foote Whyte para “Street Corner Society” sobre sua vida. Havia sido informante e ajudante do pesquisador. Em suas palavras, tinha “esperança de que a pesquisa fosse ajudar as pessoas de fora a entender melhor o que realmente fazia o North End funcionar daquele modo, e quais suas necessidades” (366). Como ajudante do antropólogo, aprendeu métodos de pesquisa que foram úteis em sua trajetória profissional e pessoal. “Sim. Bill Whyte deu uma virada completa em minha vida. Ele expandiu meu pensamento, para que eu pudesse apreciar e entender melhor o

outras escondidas. As consideradas mais dramáticas, ligadas em especial à segurança de membros do grupo, não foram liberadas à exposição. A própria ‘proibição’ é um fator importante para a análise, estando no âmbito da dinâmica segredo-fofoca, tão cara às relações sociais.

Quando se trata de pesquisar a “familiaridade familiar”, como a classifica Bourdieu, revelar ou não revelar situações ou eventos torna-se um nóculo reflexivo importante, podendo levar a uma sensação de ‘traição’ junto aos pares, aqui representados por familiares e vizinhança. Ao refletir sobre a utilização de dados provenientes de sua própria experiência no Béarn, diz:

“a compunção objetivista de meu propósito prende-se decerto por um lado ao fato de que experimento o sentimento de cometer algo análogo a uma traição – o que me levou a recusar por muito tempo a reedição de textos que a publicação em revistas eruditas de difusão restrita protegia contra as leituras mal-intencionadas ou voyeuristas”. (Bourdieu, 2005: 91).

Nos três primeiros anos de pesquisa, a questão da dupla pertença não se configurava como uma preocupação essencial para a pesquisadora. A investigação na própria rede familiar somente passou a consistir em um verdadeiro problema com o início das apresentações públicas do material. Nesses encontros surgiram reações contundentes quanto à validade da etnografia empreendida. A decisão de explicitar a dupla pertença do pesquisador, conjugando trajetória familiar e acadêmica, provocou tensões, tentativas de esclarecimento externo – para o caso dos interlocutores acadêmicos – e interno –, gerado principalmente pela retomada do contato com a rede familiar mais ampla. No grupo familiar, assumir a posição de pesquisadora dedicada a analisar sua própria família também conduziu a discussões mais intensas, sobretudo no núcleo mais íntimo; por ser mais intelectualizado e, portanto, dotado do tipo de reflexividade necessário para apoiar ou questionar os procedimentos de pesquisa.

No universo da antropologia, ser ‘nativo’ assumia dimensões não prestigiosas e combinar essa condição com a de ‘pesquisador’ podia implicar o não reconhecimento da

North End”. Os dois se transformaram em grandes amigos: “Conheci Bill e Kathleen quando tinha 20 anos de idade. Dentro de poucos meses terei 62, e é esse o tempo que vem durando nossa amizade” (377).

‘cientificidade’ da análise proposta. As discussões metodológicas foram desencadeadas em diferentes momentos, com variados níveis de aceitação, envolvendo núdulos metodológicos tais como a relação sujeito-objeto, o tema da pesquisa “experience-near versus experience-distant” (Geertz,1974), o do “observar o familiar” (Velho, 1978 e 2003), ou o do transformar o “exótico em familiar” e o “familiar em exótico” (Da Matta, 1978). Vale ressaltar que grande parte do debate ocorreu nas coxias dos fóruns oficiais, após as apresentações em grupos de trabalho, em situações de sociabilidade informal, nas quais as animosidades e enfrentamentos teóricos podiam ser mediados pela cortesia. O tratamento cordial se manifestava principalmente quando havia algum tipo de reconhecimento – afetivo – entre os pares. Pelo menos duas posições opostas emergiram⁷: uma provocativa, que expressava seu descontentamento metodológico, e outra, mais acolhedora, que revelava a angústia de muitos outros pesquisadores que, de alguma maneira, realizavam etnografias baseadas em redes de pertencimento ou de conhecimento pessoais, mas que não explicitavam essa condição de suas fontes. A conversação girava em torno de uma ‘certa coragem’ em assumir a pertença publicamente e em enfrentar o debate.

As reações da família foram as mais díspares: desde o desconhecimento total (mais freqüente) sobre o que significa uma etnografia, até a leitura crítica e discussão dos textos produzidos e dos procedimentos empregados. Na verdade, ninguém, nem mesmo no próprio núcleo da pesquisadora, compreendia o que significa ser cientista social: “afinal de contas, para quê serve?”. O prestígio advinha da formação universitária em si e não do reconhecimento ou esclarecimento da função profissional. Algumas situações são exemplares e explicitam diferentes interações entre sujeito e objeto neste tipo de campo. Uma prima em primeiro grau apresentou a pesquisadora a seu companheiro como “aquela prima que faz árvore genealógica. É só dizer seu nome que ela vai descobrir de onde você veio”. Longe de implicar desqualificação da figura do pesquisador pela parentela, em função do desconhecimento da significação do ofício de antropólogo, a situação

⁷ Houve também uma postura, muitas vezes mesclada à crítica metodológica, de acionar um discurso *psi* aplicado à escolha ‘inquietante’ do objeto. Foram dirigidos os seguintes conselhos à pesquisadora: “ao invés de pesquisar a família, devia fazer análise”, “tomar cuidado para não ficar muito mobilizada”, “cuidado com sua exposição”; entre outros.

evidenciou que as definições a respeito do *status* profissional apenas prescindiam de precisão. O mesmo pode ser dito quanto ao esclarecimento sobre o tema da pesquisa: mudanças (tensões e acomodações) provenientes do pluralismo religioso na esfera familiar em camadas populares. Neste caso, não se tratava de subestimar a qualidade das impressões que o “antropólogo” gerava na relação estabelecida com os “próximos”. Ao contrário, tratava-se de admitir que o fenômeno abordado não era classificado com o mesmo grau de importância analítica para a vida de todas aquelas pessoas, como sublinhou Abu-Lughod (1990), lembrando que há uma tendência psicologizante e etnocêntrica nas ciências sociais, ao considerar que todos os seres humanos estão comprometidos cotidianamente com a auto-compreensão e a interpretação de suas vidas. Na verdade, isso era pouco relevante para a maioria. Não era uma questão. Todos sabiam que primos, tias, sogras, não mais compartilhavam da mesma religião, tornando-se o fato ainda menos crítico nas gerações mais novas. Narravam os incômodos com a adoção de práticas religiosas *fechadas*, *chatas* (‘exclusivistas’, no jargão dos antropólogos da religião). A nova vida – o renascimento – promovida pela conversão também era ressaltada, seja pelos convertidos, em sua leitura no registro da conversão, seja pelos parentes que não professavam a mesma religião, reconhecendo o papel positivo da mudança de religião, mesmo entre aqueles mais contrários à entrada do pluralismo na família. A convivência mais ou menos pacífica, as antipatias e simpatias se mostravam no cotidiano das relações familiares. A constatação era de que a religião – em seu sentido amplo – dava sentido à trama familiar e era expressa através de conflitos, quase sempre implícitos, e acomodações.

Na relação com os mais chegados, tornou-se difícil perceber se a religião entrava nas conversas por ser um tema latente e central, ou se surgia devido à presença da parente-pesquisadora. Era só E. Gomes chegar, para receber alguma notícia relacionada à pesquisa. Não tinham nem mesmo receio de falar mal dos ‘parentes-crentes’, no caso dos católicos. A intimidade e a proximidade, de familiar e pesquisadora, servia quase que como motor para a evocação dos posicionamentos religiosos. A pesquisa acabou ocupando espaços significativos da vivência familiar da pesquisadora. A antipatia para com os ‘crentes’ – considerados os ‘outros’ da relação - era creditada como um sentimento compartilhado por todos ou, pelo menos, um sentimento parecido.

A permanência em constante ‘estado etnográfico’, hábito adquirido nos anos de pesquisa em religião, funcionou como um termômetro da conexão estabelecida externamente entre o tema, a pesquisadora e a família. O pluralismo estava lá, rejeitado por uns e comemorado por outros. A emergência das novas opções religiosas estava nas conversas, intrigas e fofocas, mesmo antes de a pesquisadora tentar objetivá-la. Durante muitos anos, houve receio de que o trabalho junto aos pentecostais pudesse ser transformado em adesão religiosa. Na verdade, as duas dimensões se confundiam para aqueles que não compreendiam o ofício do antropólogo. A imersão em campo, com idas freqüentes às igrejas e contatos constantes com integrantes dessas confissões, sempre foi percebida como um risco pela família nuclear de origem da pesquisadora, originalmente católica e capitaneada pela filha mais velha do casal original dos Campos, que detém a posição de transmissora dos valores familiares (dentre os quais os religiosos, fundados no catolicismo). Em diversas oportunidades, a antipatia pelos evangélicos em geral, e pelos pentecostais em particular – expressa abertamente por esta liderança – foi enfatizada como meio de demonstrar a insatisfação com – ou a quase impossibilidade de aceitação de – uma possível conversão de sua prole. Quando se tratava de entrevistas ou conversas estabelecidas em torno dos objetivos da pesquisa, havia relativizações acerca da positividade das conversões que, afinal, teriam surtido efeito regulador sobre os “crentes”, que, reconhecidamente teriam transformado suas trajetórias, antes desviantes (em relação a alcoolismo e transgressões sexuais, sobretudo).

Extrapolar a dimensão do pluralismo religioso intrafamiliar, buscando analisar outros aspectos das condições diferenciais de reprodução, como trabalho, instrução, cor e preconceito, violência, estratégias reprodutivas, manifestações explícitas de ‘diferenciação’ social, entre outros, acirrou o processo reflexivo (ou de autoconsciência...) da pesquisadora.

A relevância maior da família em relação à pesquisadora-nativa estava na retomada de laços de proximidade. Estes são acompanhados de uma série de prestações e contra-prestações. A (re)inserção na família, promovida pela pesquisa, se refletiu substancialmente na pesquisadora e na construção da pesquisa. De certa maneira, houve o encontro, longe de ser sem tensão, entre o indivíduo-projeto (cf. Velho, 1994) e a pessoa relacional, que em um contexto de família extensa de camada popular, apesar dos

atravessamentos do modelo de família moderna, ainda tem um valor primordial. Esse movimento, orientado pelos instrumentos da antropologia, levou E. Gomes a perceber melhor dinâmicas e transformações em curso nas suas relações familiares. Exemplo paradigmático é a centralidade das festividades organizadas pelos diferentes ramos da rede. A reciprocidade é esperada e se materializa no convite e na presença nos eventos. A relevância desse aspecto fez emergir lembranças, anteriores à pesquisa, sobre os vários convites recebidos para casamentos, festas de aniversário, e outras comemorações, que foram simplesmente desconsiderados, por motivos diversos. A proximidade / afetividade estava quase que restrita ao seu próprio ramo e às relações de amizade estabelecidas, em sua maior parte, fora das fronteiras do bairro e da família. Neta mais velha e membro de um núcleo ascendente, só constatou a importância do ‘seu lugar’, quando, finalmente, depois de anos e já realizando a pesquisa, participou de um aniversário da filha de um de seus primos. Sua presença foi amplamente notada e comentada. Lembrou-se que, anos antes, tinha realizado uma festa para sua filha, para a qual convidara todos os parentes. Nesse dia tinha recebido convites para aniversários de diversas outras crianças da família, a que não compareceu. Quando passou a analisar as relações de prestação e contra-prestação dentro da rede, a reciprocidade em ação nos vínculos familiares, percebeu o quanto se tinha distanciado desse universo. De alguma forma esse se constituiu como um momento crítico no andamento da pesquisa. A presença nas festividades gerava expectativas que não se relacionavam com a pesquisa, mas com o contato mais próximo de um familiar que esteve distante e que, finalmente, retornou para compartilhar momentos festivo-afetivos.

Em uma passagem do *Esboço de auto-análise* (2005), Bourdieu revela que, com frequência, puxava assunto sobre problemas que lhe interessava investigar. Em alguns momentos tinha dúvidas se “gostava mesmo das pessoas, como cheguei a acreditar um tempão, ou se não acabara lhes dirigindo apenas um interesse profissional, que também pode implicar uma forma de afeição” (Bourdieu, 2005: 94). E. Gomes também teve essa sensação quando se deu conta de que não estava só pesquisando, mas também produzindo – concomitantemente – uma re-inserção na família. As características de ser a mais velha entre onze netas, escolarizada, independente, individualizada, não tinham sido objetivadas em nenhum outro momento. Esse ‘dar-se conta’ sobre seu próprio papel no

arranjo familiar permitiu uma complexificação da reflexão sobre os dados. Houve uma sensação prazerosa de vivenciar uma aproximação, de rever pessoas ou conhecer as novas gerações. Mas a aproximação se deu no âmbito de uma pesquisa; o que enseja uma experiência tanto de membro da família – mesmo que distante da rede mais ampla – como de antropóloga.

A leitura da produção também fez e ainda faz parte dessa interação. Assim que o primeiro artigo com resultados da pesquisa foi publicado, tornou-se motivo de interesse por parte dos familiares mais íntimos. Após o lançamento, a pesquisadora hospedou-se na casa de um irmão que morava mais próximo ao evento. A primeira atitude dos presentes foi pegar o livro e verificar se constavam informações secretas sobre parentes. Trechos do livro foram lidos em voz alta, na frente de todos, incluindo a pesquisadora. O desejo era o de reconhecê-los nas situações e falas presentes no artigo. No texto não constavam nomes e se evitou elaborar descrições muito precisas, já que se tratava de análise de temas ligados à sexualidade e reprodução. Um ‘inquérito’ foi realizado pelos presentes. E. Gomes teve que responder a vários questionamentos: uns mais ligados à fofoca; outros mais à vergonha pelo tema tratado. Uma situação é ilustrativa: “Mas você disse essas coisas aí? Que vergonha!!” – disse uma tia que, em entrevista, havia falado que nunca conversara sobre sexo com suas filhas, pois elas “aprenderam na escola, na televisão e com as amigas”. A vergonha de falar de sexo foi traduzida pelo mesmo sentimento quando o tema se transformou em palavras escritas (impressas e expostas). Apesar de, à época da entrevista, estar ciente da utilização das informações e de que a situação tinha sido apenas mencionada, ela se sentiu constrangida – e a pesquisadora também. Apelando para a racionalidade, voltou a explicar os objetivos da análise: que não era para expor as pessoas a fofocas, mas para analisar como/se a religião molda o comportamento sexual e reprodutivo das pessoas. Apesar de entenderem formalmente a explicação, a dinâmica fofoca-vergonha prosseguiu.

O desafio antropológico de trabalhar com a própria família extrapola os limites do trabalho de campo realizado por exemplo na cidade, como na Antropologia Urbana. Pesquisar o ‘próximo’ ou de ‘dentro’ (como sugere Magnani, 2002) em termos cognitivos, afetivos e espaciais encerra limites do que se chama de ‘familiar’ em seu sentido genérico. O limite se rompe quando a abordagem parte da análise da própria

família. Em nosso caso, não só em relação ao objeto de pesquisa que está próximo, em termos afetivos ou espaciais, como na Antropologia Urbana ou numa Antropologia das Sociedades Complexas, mas pelo fato do tema ser a ‘família’. Falar da própria família é quase uma profanação, é expor aquilo que há de mais sagrado e pulsante, paradoxalmente, no discurso moderno. É nela que os temas mais críticos e privados se ancoram: sexualidade, conjugalidade, afetividade, decisões reprodutivas, religião. A família como “crucialidade e intensidade próximas a uma religiosidade” estabelece – assim como a religião – mediação entre o público e o privado, como acentua Duarte (2006). Família, lugar de segredo, reduto daquilo em que a sociedade não interfere ou que não se revela. Lugar privado/sagrado, por isso tabu por excelência na sociedade moderna. Observar de dentro e expor o que deveria estar circunscrito em uma redoma de névoa, que permite a visão externa mas não revela suas nuances, seria uma subversão total do método antropológico que supõe, em alguma medida, a capacidade de designar um ‘outro’, estranhá-lo, fazê-lo próximo e, em seguida, objetivá-lo de forma que possa ser ‘de fato’ conhecido. Acusação quase religiosa já que aciona a tradicional relação/oposição entre ‘conhecimento’ e ‘experiência’.

Não é descabido evocar em tal contexto a forma como se constrói uma questão análoga nas narrativas de ficção em nossa cultura. Uma regular reflexão sobre a relação dessa ‘invenção’ com a experiência biográfica do autor estabeleceu-se desde o final do século XVIII (veja-se o novecentista “Mme. Bovary, c’est moi” de Flaubert) e não deixou de influenciar as recentes correntes do pensamento antropológico dedicadas sistematicamente à reflexão sobre a condição do “antropólogo como autor” e das relações entre o texto etnográfico e as condições da subjetivação em seu trajeto acadêmico⁸.

⁸ A corrente chamada de ‘pós-moderna’ nos EUA expandiu consideravelmente a reflexividade sobre as condições da produção do texto antropológico, mas acabou se voltando mais para sua condição retórica do que para sua condição de testemunho de uma experiência dialógica vital (cf. Clifford, 1986). Há, por outro lado, a tradição herdada de Pierre Bourdieu, que enfatiza mais esta segunda direção. São importantes também as reflexões sobre o que foi chamado na literatura de ‘anthropology at home’, de ‘auto-antropologia’ ou de ‘antropologia nativa’. Já foi aqui citado o artigo de M. Strathern, publicado numa coletânea dedicada inteiramente ao último tema (1987). Mariza Peirano (1998) reviu a tradição internacional da ‘anthropology at home’, destacando a distância da produção brasileira de suas premissas e horizontes. Propôs uma classificação de quatro vias diferenciais do estatuto da ‘alteridade’ na antropologia nacional. Um trabalho como este seria certamente classificável como um exercício de ‘alteridade próxima’, nos seus termos (: 61 e seg.). Sobre ‘antropologia nativa’ há um bom resumo no artigo de Kirin Narayan

A questão do ‘distanciamento’ está tão presente no caso de estudos externos quanto nos que se aplicam às próprias redes, sobretudo familiares. A imagem de um compartilhamento homogêneo das informações no interior de uma família ou de uma rede de parentesco é certamente ilusória. Cada unidade doméstica, cada fratria ou cada relação diádica componente dessa trama podem dispor de um acervo de informações sobre si mesmos ou sobre os outros que lhes é próprio e que não extravasa para os demais parentes. Fluxos de segredo ou de ‘não-ditos’ são aí tão palpáveis quanto os fluxos do compartilhamento. Além do mais, as propriedades diferenciais de posição de cada um desses elementos tende a lhes ensejar um ponto de vista sobre os demais que não é perfeitamente claro para todos. Também aqui a ilusão de um ponto de vista absoluto sobre os ‘nativos’ se revela em toda sua crucialidade; até mesmo por se dar em um lugar social onde o máximo de percepção comum parece prevalecer. É claro que o conjunto da rede familiar pode compartilhar algumas informações que um acordo mais ou menos tácito impede que extrapolem as fronteiras intrafamiliares, mas esse obstáculo é da mesma ordem metodológica que o anterior.

A trajetória de L. Duarte em relação à possibilidade de transformar em uma análise pública sua reflexão pessoal sobre parte de sua experiência familiar tem propriedades diferentes das de E. Gomes, embora suscite idênticas inquietações epistemológicas e éticas. Como se mencionou no Capítulo I e ficará mais claro no capítulo IV, havia uma considerável diferença de ethos entre sua ascendência paterna e materna, mas isso só pôde ser formulado em termos sociológicos bem tardiamente em sua trajetória, quando já se iniciava na reflexividade específica de um treinamento antropológico. Emergiu, nesse processo, a possibilidade crescente de objetivação de um longo acervo de experiências pessoais até então cercadas de grande ambigüidade e ambivalência. A ‘descoberta’ de que a casa tão acolhedora de sua família paterna, em que vinha passar curtos períodos de visita ou férias, era parte de uma ‘vila operária’ só se deu quando já estava ali habitando – ele próprio – há alguns anos, casado, e a necessidade de responder a uma pesquisa sobre o conjunto fez com que procurasse obter informações, por telefone, com a tia que mais longamente ali antes vivera. Não foi sem uma certa surpresa que se apresentou, assim,

(1993), em que ela questiona a possibilidade de jamais se qualificar algum antropólogo como um autêntico ‘insider’ (: 671), em função da complexidade das condições em que se pode ser ‘nativo’.

para ele, como desdobramento, o fato de que o avô que conhecera mal e de que sempre ouvira falar como ‘funcionário da Prefeitura’ era, na verdade, um trabalhador manual, mestre das oficinas de mecânica do então Distrito Federal – um ‘operário’, afinal de contas. A disposição ‘aristocratizante’ adquirida no ambiente muito envolvente de sua família materna, na distância acolchoada da Serra, se acomodava mal com a nova consciência de seu contexto familiar. Ao mesmo tempo, inúmeras propriedades da experiência de seu núcleo doméstico (e de sua criação e educação nesse contexto) e da convivência com os diferentes ramos em que se tinham derivado as parentelas materna e paterna se deixavam iluminar sob novos ângulos e com ampliadas ressonâncias. Essa experiência foi mais ou menos coetânea de sua decisão de realizar a dissertação de mestrado num grupo de ‘classe trabalhadora’ e – mais do que isso – sobre os processos de diferenciação social que ali se apresentavam de maneira desafiadora e dolorosa (para muitos dos atores envolvidos). No entanto, na ocasião, a decisão de pesquisa se afigurava como descida exclusivamente do céu abstrato da formação antropológica no Museu Nacional, combinando a ênfase na observação empírica com algumas das tendências de análise sociológica e da reflexão filosófica então prevalentes⁹. Isso não deixava de ser parte da verdade, mas pôde ser – anos mais tarde – complementado pela percepção das ressonâncias de uma investigação sobre a ambigüidade sociológica de sua formação.

A pesquisa de campo impõe, no entanto, um regime de objetivações que permite – felizmente – extrapolar ou metamorfosear, em alguma medida, as condições subjetivas originárias. O mesmo não ocorre com a reflexão cotidiana sobre estas mesmas condições, mesmo que longamente auxiliada pelos mecanismos amplificadores da autoconsciência propiciados pela experiência psicanalítica. As memórias e as dúvidas sobre os detalhes, pormenores, ênfases e inflexões das trajetórias das duas famílias sempre permaneceram como um tema reflexivo digno de investimento privado. Evidentemente, essas preocupações ou incitações (uma ‘vontade de saber’ – bem se poderia dizer, no seu sentido tanto psicanalítico quanto foucaultiano) estiveram em diálogo com muitas outras dimensões da carreira acadêmica do pesquisador – sem que seja esse o motivo pelo qual

⁹ Nesse caso, em face da expectativa de constituição de uma antropologia marxista, inseparável de algumas dimensões do estruturalismo, nada podia parecer mais oportuno do que estudar a mudança em um bairro de classe trabalhadora *in loco*.

estas questões são aqui evocadas. Com efeito, diferentemente do rico desenvolvimento que deu P. Bourdieu à questão da ‘objetivação participante’ – já antes evocada –, não é o objetivo dos pesquisadores neste livro refletir sobre o modo pelo qual o habitus decorrente de suas condições sociais de origem pôde ensejar a análise aqui empreendida – ou qualquer outra parte da obra de cada um dos autores. Trata-se, isto sim, de ‘objetivar’ diretamente a própria experiência familiar, encapsulando-a em uma ‘pesquisa’ mais ou menos formal, com vistas a uma comparação entre os processos de identificação transgeracional aí envolvidos.

Para fazê-lo, no entanto, é necessário proceder a esta sempre parcial explicitação do leito subjetivo sobre o qual adensou-se o fluxo de tal empreendimento. Diferentemente de E. Gomes, o pesquisador nunca tinha feito uso explícito de informação sobre a experiência social de sua família ao decidir-se por essa via, no decorrer da pesquisa que aqui desemboca. Inicialmente, a tarefa lhe pareceu fascinante e relativamente fácil, até mesmo porque se daria de modo mais indireto, histórico – por assim dizer – do que no caso de sua colega. Além do mais, podia dispor do recurso do arquivo digitalizado das fotos de família, recém terminado. Ao começar as conversas/entrevistas com os poucos parentes sobreviventes da terceira geração, surpreendeu-se não só com a quantidade de informação que objetivamente ignorava sobre a vida de seus ascendentes e colaterais paternos, como pela diferença dos registros e dimensões dessa memória entre esses primos. Também cresceu a preocupação com a dimensão ética da exposição dessas informações numa obra pública, mesmo que tivesse sempre procurado deixar claro que seu interesse em suas memórias – além de afetivo – era também profissional. Duas primas foram particularmente receptivas (com o acompanhamento do marido de uma delas). Uma terceira prima, de quem os demais núcleos da família se encontravam mais afastados, em função de uma série de circunstâncias até hoje pouco claras para o pesquisador, pareceu extremamente cordial no primeiro contato, marcado com antecedência por telefone, em que também esteve presente seu marido. Através dela pude saber um pouco mais sobre sua linhagem (que inclui um irmão e seus descendentes, igualmente afastados há algum tempo das demais linhagens). No entanto, logo na semana seguinte, ao trocar mensagens eletrônicas com sua filha, que me enviara fotos de família escaneadas em seu escritório, foi a comunicação interrompida sem qualquer explicação ou justificação. Parece ao

pesquisador que, feita por escrito, a referência à dimensão profissional da pesquisa se tornara mais palpável e viera a incomodar esse ramo dos parentes, interferindo talvez na expectativa de um reatamento de laços exclusivamente afetivos ou evocando sentimentos negativos de outros tempos ou de outra ordem. O pesquisador não insistiu no contato nem procurou esclarecer o episódio, que lhe pareceu capaz de produzir um desgaste emocional ainda maior entre as partes. Havia ali certamente alguma diferença de ‘atividade produtiva’ a empanar o fluxo dos sentidos.

Esse evento parece significativo do modo como esse tipo de pesquisa pode envolver negociações tão ou mais duras e complexas do que as que se dão normalmente entre desconhecidos trazidos ao contrato a termo de uma pesquisa. Enfatiza, sobretudo, como o acervo transgeracionalmente acumulado de identificações e afetos pode incluir poderosos sentimentos negativos que a situação de pesquisa faz rebrotar na forma familiar (no duplo sentido) dos ressentimentos e mágoas. A experiência com seus parentes mais próximos, seus irmãos mais moços, seu cunhado e seu filho, revelou, por outro lado, quão distante a história da família Duarte se lhes afigurava. A leitura de alguma versão intermediária do capítulo IV provocou simpatia e curiosidade, mas não suscitou qualquer participação ativa na pesquisa – pela óbvia razão de que, por força de sua posição geracional, pouco tinham participado daquela dinâmica. Por outro lado, sua atitude também revelava o quão mais fortemente se identificavam com a família materna do pesquisador, em cujo contexto se tinha desenrolado fundamentalmente sua experiência de vida.

Nesse amplo leque de sentimentos devem estar incluídos, inevitavelmente, os do próprio pesquisador – em múltiplos níveis. Richard Hoggart, em seu trabalho sobre as transformações da cultura das classes populares inglesas, oferece um raro exemplo de reflexão sobre uma trajetória intelectual que inclui a observação do mundo social do qual se afastou o pesquisador. Essa reflexividade é carregada de sentimentos ambivalentes e de implicações sobre a ‘objetividade’ da enorme massa de informação assim organizada. Como ele próprio bem expressa: “Sou oriundo das classes proletárias e, mesmo hoje, sinto-me a um tempo próximo e afastado delas” (Hoggart, 1973: 21). Esse duplo movimento implica, ainda, no que chama de uma “lente deformadora da nostalgia” (ibidem: 21) a se insinuar por sob a reconstrução sociológica dos seus fatos de memória.

Roberto DaMatta, numa discussão mais genérica, buscou definir o processo do conhecimento antropológico numa via dupla, a de “(a) transformar o exótico no familiar e / ou (b) transformar o familiar em exótico” (DaMatta, 1978: 28). Nesta segunda via, que ele compara a um ‘auto-exorcismo’: “a viagem é como a do xamã: um movimento drástico onde, paradoxalmente, não se sai do lugar” (29). Gilberto Velho, pela mesma época, chamou a atenção para a multivocidade da categoria ‘distância’ (Velho, 1978: 39) aplicada à relação entre pesquisador e pesquisado, buscando distinguir ‘distância social’ de ‘distância psicológica’ (ibidem, 37). Nos seus próprios termos: “O processo de estranhar o *familiar* torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações” (ibidem, 45). ‘Familiar’, para ambos os autores, se emprega na acepção lata do que é cultural ou socialmente próximo e não no sentido estrito do que respeita a família. Esse deslizamento de significado é, por outro lado, significativo em si mesmo para nossa discussão.

Embora uma boa parte dos estudos feitos na tradição aberta por Gilberto Velho sobre as camadas médias urbanas brasileiras encontre um ponto de apoio nas redes mais próximas dos pesquisadores (majoritariamente pertencentes aos mesmos segmentos por eles estudados), não parece ter havido algum registro de que as próprias redes familiares estivessem sendo estudadas ou incluídas nos recortes privilegiados (cf. Salem, 1985). A ‘familiaridade’ está sempre aí presente e é trazida à reflexão do pesquisador e à percepção do leitor; mas não enquanto ‘familiaridade’.

A proposta da ‘objetivação participante’ de P. Bourdieu porta outra ambição, como refração inevitável sobre o próprio pesquisador das estratégias de localização sociológica das diferentes práticas humanas (o ‘espaço dos possíveis’). Incumbe passar, assim, a uma ‘autosocioanálise’ (cf. Bourdieu, 2005), com implicações peculiares em relação aos demais regimes de objetivação¹⁰. O processo é considerado possivelmente mais denso de deslizamentos entre as dimensões cognitiva e afetiva. Bourdieu fala de uma ‘conversão’¹¹

¹⁰ A referência é explícita a um trajeto paradigmático da auto-reflexividade moderna posta ao serviço de uma disposição de conhecimento universalista: a da ‘auto-análise’ de S. Freud.

¹¹ «A palavra não é mesmo muito forte para designar a transformação intelectual e afetiva que me levou da fenomenologia da vida afetiva (quem sabe derivada também das afeições e das aflições da vida, que era

ou de um ‘percurso iniciático’¹², metáforas que não são raras para a referência a toda a experiência antropológica, tal como fez DaMatta, na passagem há pouco citada. L. Duarte explorou a propriedade do uso de imagens das transformações intensas e incorporadas, normalmente associadas à experiência religiosa, para expressar o idêntico atravessamento da totalidade da pessoa em formações profissionais tais como a da antropologia e da psicanálise – uma vez que de apercepções totalizantes da experiência coletiva ou pessoal justamente se trata para tais *Bildungen*, para a conformação de tais disposições adquiridas (Duarte, 2006d).

No caso do debruçar-se reflexivamente sobre a experiência pessoal no interior da própria rede familiar emergem, porém, de maneira mais intensa – ou mais imediata – as dimensões afetivas, entranhadas, em que banha toda intersubjetividade. Emerge, sobretudo, essa ambivalência tão notória no campo antropológico desde os depoimentos íntimos de Malinowski: a empatia combina-se com o desprezo, a dedicação tinge-se de distanciamento, a auto-estima volve-se em vergonha; um sentimento de traição pode coroar a trama inextricável em que se desenvolve o projeto. Bourdieu evoca explicitamente esses dois últimos sentimentos, no contexto da sua ‘autosocioanálise’.

O regime de intensidade e de ambivalência que preside a tais empreendimentos importa no que ele chama de um “habitus clivado, movido por tensões e contradições” (Bourdieu, 2005: 123), onde prevalece uma “coincidência entre contrários”¹³. A clivagem por tensões e contradições pode se manifestar de diferentes formas, no entanto, em função justamente das propriedades que condicionam o estranhamento e o reconhecimento das relações originais. Bourdieu evoca, para o seu caso, a ambigüidade da condição de

preciso denegar com sabedoria) a uma prática científica que requeria uma visão do mundo social mais distanciada e mais realista em seu conjunto » (Bourdieu, 2005: 87)

¹² “Todavia, eis a prova de que o trajeto heurístico também tem algo de um percurso iniciático pela imersão total e pela felicidade dos achados que lhe é concomitante, sucede uma reconciliação com coisas e pessoas das quais insensivelmente me afastara por conta do ingresso em outra vida e as quais a postura etnológica obriga naturalmente a respeitar, os amigos de infância, os parentes, suas maneiras, suas rotinas, seu sotaque. É toda uma parte de mim que me é devolvida, essa mesma pela qual eu me ligava a eles e a qual também deles me afastava, porque eu só podia negá-la dentre de mim ao renegá-lo, na vergonha deles e de mim mesmo ». (Bourdieu, 2005: 90)

¹³ O pesquisador pensa reconhecer nessas manifestações a corroboração de sua hipótese de que a experiência da familiaridade em nossa cultura se reveste de características assemelháveis às de uma religiosidade. A exposição desse sacrário íntimo comporta o horror de uma profanação (cf. Duarte, 2006a).

funcionário público pobre do pai, num meio de trabalhadores rurais (“os empregados ‘de mãos brancas’”, *ibidem*: 110), que poderia ser aproximada da que caracteriza a diferença entre o avô operário e o pai funcionário público de L. Duarte. A anisogamia do casal imediatamente ascendente deste último caso – o que não parece ter correspondência na ascendência de Bourdieu – impõe, além do mais, consideráveis tensões na forma fenomenal e nas implicações identificatórias e afetivas da transgeracionalidade. Por outro lado, a sua mera presença não impõe rumos uniformes a tais trajetórias. A anisogamia estava presente nas gerações imediatamente anteriores tanto de L. Duarte quanto de E. Gomes e não deu lugar, nos dois casos, a processos de identificação diferencial do mesmo tipo.

Toda esta reflexão sobre a especificidade de uma situação de pesquisa na própria família não deve obscurecer as continuidades que tem uma pesquisa desse tipo com quaisquer outras pesquisas conduzidas na própria sociedade do observador. Muitos procedimentos objetivantes mais gerais foram utilizados ao lado das reminiscências, reuniões domésticas, entrevistas e discussões com a rede familiar. A localização social dos bairros, ruas, instituições e fenômenos envolvidos nessas histórias familiares foi motivo de sistemático esforço de investigação, por via bibliográfica, de arquivos ou da internet.

As condições da terceira janela etnográfica aqui presente, a da família de Jurujuba, foram cercadas de um idêntico aparato crítico. É claro que o fato do pesquisador ter anteriormente sistematizado e publicado diversos livros e artigos em que aspectos do bairro e de suas atividades já tinham sido apresentados (cf. Duarte, 1986; 1987a; 1987b; 1987c; 1999; 2005b) ajudou consideravelmente na seleção dos elementos mais relevantes para o presente experimento. O foco principal das pesquisas anteriores no bairro não tinha sido, no entanto, nem o tema da família, nem particularmente a família aqui estudada. Na verdade, na primeira fase de contato, nos anos 1970 / 80, o pesquisador sequer fizera entrevistas gravadas com o chefe da família Costa, em função da crescente preeminência da condição de amigo e do fato de que – para as questões que então lhe interessavam – não faltavam outros informantes. Tinham sido feitas gravações, no entanto, com sua mãe, em função da muita especial disposição (e tempo) que tinha Amélia Costa para conversar sobre quaisquer aspectos da vida pessoal ou comunitária.

Na fase mais recente de pesquisa, esclarecido o novo foco de interesse do pesquisador¹⁴, passou-se a fazer entrevistas mais formais, inclusive gravadas, na casa principal da família Costa. Três problemas de gravidade diversa interferiram na condução da pesquisa nessas novas condições. O primeiro foi o fato de que minha condição de ‘amigo’ do chefe da família me tornava seu quase exclusivo interlocutor, inclusive em função da preeminência hierárquica desse personagem sobre toda a família. Uma tentativa de consultar uma de suas filhas, que utiliza a internet normalmente, para obter certas precisões a respeito da história familiar teve resultado nulo. Algum tempo depois de esperar em vão por sua resposta, encontrei-a em casa de seu pai e ela deixou bem claro que lhe havia repassado a questão, sugerindo que ele me respondesse (possivelmente por telefone – um recurso que eles só muito raramente usaram com o pesquisador). Essa condição não teria sido tão adversa se o chefe da família, com sua avançada idade, não estivesse apresentando sinais, já desde 2006, de alguma redução de sua outrora prodigiosa capacidade mnemônica, o que tornava nossas entrevistas incomodamente repetitivas (provavelmente para ambos). O terceiro fator, verdadeiramente catastrófico, foi o grave adoecimento (e subsequente falecimento em 2006) da filha mais velha do casal de referência, que sempre fora uma excelente informante – a única dos filhos a dispor de uma informação abrangente sobre a família (por razões que ficarão mais claras no capítulo III) e a se dispor a uma interlocução mais direta com o pesquisador. Isso se justificava pelo fato deste ser conhecido e amigo de seu marido, tendo inclusive assistido ao casamento dos dois e participado das obras da casa em que vieram a habitar nas proximidades da casa paterna. Entre seu adoecimento e seu falecimento, ocorreu o falecimento súbito do próprio marido – o que caracterizou um período de grande comoção familiar. Por motivos intensamente afetivos – mas também práticos – o pesquisador sentiu-se longamente paralisado em sua atividade de pesquisa, comungando penosamente do luto familiar. Veja-se assim que a intensidade da dimensão afetiva cujas

¹⁴ A condição de pesquisador (enquanto professor universitário) nunca foi completamente absorvida pelo grupo local, nem mesmo pelos mais próximos e apesar de terem em mãos um exemplar de meu livro sobre a pesca local. No começo da relação, a condição de ‘professor’ levou a uma demanda de ajuda nos estudos das crianças – o que foi feito de modo assistemático, mas inesquecível para todos até hoje. A expectativa de uma possível denúncia das condições da vida dos trabalhadores ali conhecidos (na pesca, na indústria enlatadora ou na indústria metalúrgica) freqüentemente se impôs, com a assimilação da identidade do pesquisador à de um jornalista.

implicações se tinha evocado anteriormente para a pesquisa com a própria família não esteve ausente de uma relação tão longa e tão cara quanto a que une o pesquisador aos Costa.

Mencionou-se no Capítulo I o fato de que alguns poucos fatos e informações relativos às três famílias tiveram que ser omitidos neste trabalho. Reitera-se aqui que não se trata em nenhum caso de matéria que pudesse subverter gravemente a visão dos processos sociais que se veio a expressar. É claro que todo detalhe etnográfico é importante para a composição de um quadro abrangente da situação retratada e eles poderiam – cada um deles – permitir-nos angulações diferentes do clima moral das três famílias. Procurou-se, no entanto, deixar aberta a possibilidade ao leitor de perceber em que direções, momentos e posições comportamentos transgressivos ou desviantes poderiam estar emergindo – e em função de que circunstâncias (quando isso parecesse possível para os próprios pesquisadores – o que não foi sempre o caso). É importante ressaltar que essas reservas não ocorreram para proteger a dignidade das famílias dos pesquisadores, mas para proteger a dignidade e manter o respeito a determinados personagens vivos ou mortos, cuja atitude original em relação a tais fatos (ou a de seus descendentes) é (ou foi) a de encobrimento, em qualquer uma das famílias. O outro motivo imperioso foi o da segurança física de alguns personagens – questão mais delicada ainda para eles que para os autores.

De qualquer forma, não é sem considerável mal-estar que L. Duarte decidiu apresentar o material da família Costa sem o recurso ao anonimato habitual em tais casos. Diversas razões impuseram esse rumo. Em primeiro lugar, o fato de que a última fase da pesquisa implicara a constante referência a um livro em que apareceria – de alguma forma – a história da família (e as entrevistas gravadas se justificavam em nome desse fim). Em segundo, o fato de que a apresentação da rede familiar completa, com especificações etnográficas detalhadas, tornaria completamente inútil (e mesmo ridículo) o recurso da troca de nomes: quem quer que conhecesse minimamente o bairro de Jurujuba logo reconheceria todos os personagens da trama. Evitar a ‘traição’ de não expor sua ‘história’ neste livro implica, no entanto, cometer necessariamente outra ‘traição’: o modo pelo qual o autor supõe que essas pessoas possam conceber a sua ‘história’ não tem certamente nada a ver com o modo como as informações sobre a família estarão aqui

apresentados¹⁵. Certamente, as ênfases sobre o que é mais importante ou mais digno de ser exposto publicamente não coincidem com o que pareceu ao pesquisador ser mais iluminador das condições em que a luta pela reprodução local se distendeu ao longo dessas gerações. O que pode parecer honroso e digno de nota a quem examina comparadamente as mais variadas trajetórias pessoais e familiares (de um ponto de vista ‘soberano’ e ‘distanciado’) distingue-se fortemente daquilo que cada um sente como a trama das dimensões pessoais de sua vida cotidiana¹⁶. Somam-se, assim, aos riscos de uma leitura deste empreendimento como desfocado e impertinente, os outros riscos, acadêmicos, de servir este trabalho como exemplo da persistência de uma atitude ‘objetivista’, ‘positivista’, ‘colonialista’, dentro do arraial antropológico. O primeiro risco não tem o autor outra alternativa se não assumi-lo, em função das circunstâncias do contrato que manteve com seus amigos-informantes da família Costa. O segundo ele refuta com argumentos que já se esboçaram no capítulo anterior: sendo impossível a ‘simetria’ entre observador e observado, o máximo que se pode oferecer na produção antropológica é a busca da explicitação a mais constante possível dos sentidos circulantes de cada lado dessa estranha díade, sobretudo quando estiverem em questão temáticas tão ‘dadas’, ‘naturalizadas’, como a da vida familiar e das relações transgeracionais (uma ‘atividade produtiva’ concebida de forma completamente diversa lá e aqui).

¹⁵ “Ultimately the use anthropologists make of their data is for ends also of their own making. In this sense anthropology domesticates an exogenous world, making new uses for materials originating under quite different circumstances, and thereby encompassing the different uses which people have for the way they live their lives. Such encompassment is experienced as exploitation when people perceive that others have the power to turn data into materials whose value cannot be shared or yielded back to them in return.” (Strathern, 1987: 20).

¹⁶ Com os originais deste livro quase prontos, resolveu o pesquisador – como já se mencionou – apresentar o capítulo III ao juízo de seu informante principal. O texto foi aprovado e mesmo elogiado por Humberto Costa, que acompanhou toda sua leitura (com a presença de um dos filhos durante uma parte do tempo dessa experiência). Esse recurso pareceu eticamente necessário ao pesquisador, sem que qualquer dos problemas evocados tivesse sido, com isso, esconjurado. A acolhida foi favorável por se inserir na longa e intensa relação do pesquisador com a família Costa, mais do que por sua imediata faticidade, fidedignidade ou veracidade. Por outro lado, Humberto contou mais uma vez ao pesquisador, durante essa ‘entrevista’, um episódio que retorna com freqüência a seu espírito: quando se encontrava, anos atrás, na frente das câmeras de uma rede de televisão, na rua principal do bairro, dando mais uma de suas numerosas entrevistas sobre o bairro, aproximou-se um vizinho jovem, de carreira desviante, e fez um comentário, alto e bom som, sobre a possibilidade de Humberto estar mentindo sobre sua própria vida. Pareceu significativo que esse episódio – que o magoou particularmente – tenha reemergido no momento em que o pesquisador lhe fazia a leitura de sua versão do que tinha sido sua vida. De algum modo, creio que – apesar da intimidade e delicadeza de alguns detalhes – a colocação por escrito desse relato possa ter-lhe parecido produzir um efeito de ‘verdade’ útil para sua própria identidade.

Uma das muitas reflexões que podem ser assim ensejadas, no caso de uma pesquisa com as características desta, é relativa à ‘propriedade’ dos ‘dados’ sobre uma família. O modelo ocidental das relações de ‘propriedade’ como institutivas da identidade dos sujeitos¹⁷ reaparece aqui sob a forma de uma ambigüidade entre a identidade abrangente, diferenciada e complexa de uma rede familiar e a capacidade de algum de seus membros dispor da memória desse conjunto como se fosse especificamente sua (ou, pelo menos, de sua versão a esse respeito). Na impossibilidade de romper com uma contradição intrínseca a nossa cultura, os autores assumiram que alguns ‘indivíduos’ estratégicos poderiam ‘autorizar’ a exposição dos dados de suas famílias num trabalho como este. No caso da família Costa seguiu-se a representação nativa da autoridade incontestada de seu chefe, por mais idoso e adoentado que esteja. Em relação a suas próprias famílias, a questão se colocava de maneira ainda mais acendrada, já que – como membros da própria rede observada – não tinham porque não se considerar autorizados a falar sobre ‘suas’ próprias famílias. As informações dadas e as negociações estabelecidas com alguns parentes da família Campos e da família Duarte deveram-se assim a uma atitude híbrida de ‘respeito ao informante’ e recurso de evitação de uma crise intrafamiliar, movida por constrangimentos e pelo quase inevitável circuito da ‘fofoca’, que pode ser acionado com a exposição de fatos e ações de determinados integrantes das respectivas redes.

Hoggart nos falava de uma nostalgia deformadora, ativa nesses processos de ‘visitação da casa paterna’ (1973). Ambos os autores têm consciência de que efetivamente algo da ordem da nostalgia tinge parte de sua disposição e de sua produção em torno da pesquisa com suas próprias famílias. L. Duarte tem certeza de que seu próprio trabalho de pesquisa em Jurujuba – por mais distante que fosse originalmente de seu mundo social – sempre foi atravessado por um profundo sentimento de nostalgia, que ele acredita compartilhar com boa parte de seus interlocutores locais e tem certeza de ser também uma parte fundamental de sua atitude afetiva geral em relação ao mundo.

De qualquer modo, este livro busca refletir sobre as condições em que as ‘mudanças’ – essa pré-condição de qualquer esperança ou nostalgia – se dão através de algumas

¹⁷ Ver, sobre esta relação, de um ponto de vista mais histórico, Macpherson, 1979 e Capitan, 2000. Louis Dumont e Marilyn Strathern se encontram entre os antropólogos que mais diretamente refletiram sobre as implicações negativas desse traço ideológico para a compreensão cultural comparada.

gerações em famílias ancoradas originariamente na experiência do mundo popular brasileiro. E as mudanças são como viagens, para longe daquilo que ficou, lá e cá, como memória ativa. Nada pode ser mais característico do modelo pleno da pessoa ocidental moderna, em que a ênfase na invenção de um futuro a conquistar, a adquirir, longe dos constrangimentos e convenções originárias, se combina constantemente com a ênfase no pertencimento e continuidade, enquanto critérios de uma existência autêntica. Não em vão, encontra-se, entre os papéis de João Duarte, um de nossos personagens, a transcrição a mão de um longo poema de Casimiro de Abreu, onde o narrador, que acaba de retornar à casa avoenga, assim expressa – em dado momento – o sentimento de continuidade:

“Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu teto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu — cresceu comigo.”

“No Lar”, Casimiro de Abreu, *As Primaveras*, 1857